

Oscar Pereira da Silva (1867-1939): um artista fluminense radicado em São Paulo

Alex Silva Moreira¹

 0000-0002-2262-8558

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. **Atas do XVI Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

DOI: 10.20396/eha.16.2022.4989

Resumo

Oscar Pereira da Silva (1867-1939), é considerado um artista relevante para a historiografia da arte brasileira, no tocante aos séculos XIX e XX, tendo em vista os estudos que se debruçam em sua trajetória e produção. Oscar possui um percurso do ponto de vista institucional de alta qualidade, tendo passado pelos melhores professores de sua época, tal como agraciado com um expressivo número de premiações. O artista optou por se dirigir a São Paulo após sua estadia em Paris. Desejamos observar as razões para o cenário brasileiro figurar hostil aos artistas, e como esses delineamentos redirecionaram as escolhas de Oscar.

Palavras-chave: Oscar Pereira da Silva. Pintura do século XIX e XX. Primeira República. Cenário artístico. Mercado de arte.

¹ Bacharel Interdisciplinar em Artes, Licenciado Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias, atualmente estudante do curso de 2º Ciclo de Produção Cultural na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), campus Jorge Amado. Orientado pela Profa. Dra. Maria Luiza Zanatta de Souza, professora Adjunta na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), do curso de Arquitetura e Urbanismo, Campus Cachoeira do Sul.

Introdução

Nos debruçamos em alguns trabalhos referenciais acerca de Oscar Pereira da Silva, atentos aos aspectos que caracterizam as estratégias do artista, com as quais pavimentamos sua carreira. O principal objetivo do artista, era galgar seu estabelecimento como pintor de história, gênero máximo entre os pintores acadêmicos, revelando-se à sua época um aspecto distintivo.

A versatilidade de Oscar lhe permitia um fluxo de vendas, se dedicando também a trabalhos que o tornassem o pintor de uma posição que idealizava, suas principais iniciativas ligadas a pintura de história evidenciam isso. Sabia da necessidade de cativar as figuras de maior influência sobre a cidade, consciente de que apenas em diálogo com a memória histórico-subjetiva que aquela seleta parcela paulistana estava referenciada, conseguiria despontar².

Pedro Américo e Henrique Bernardelli são influências que incidem sobre Oscar, alegadas pelo próprio pintor³. Temos o exemplo de sua atuação nas decorações do Museu Paulista, direcionada às comemorações em torno do Centenário da Independência ocorrido em 1922, sobre a direção de Taunay.

Oscar vislumbra um momento oportuno de eternizar seu nome à luz de pintores pelos quais nutria profunda devoção e similaridades em termos de destreza⁴. Se essas estratégias e dedicação absoluta a seu ofício, irão lhe render o reconhecimento merecido, iremos tentar apontar ao longo do artigo. Sua produção inclui pinturas do gênero histórico, inclusive, as mais conhecidas circulam em livros didáticos e manuais de história.

Enfocamos alguns acontecimentos importantes na carreira do pintor, para observar o caráter de suas ações, frente ao seu ofício, com o fim de nos aproximarmos um pouco mais de quem foi o Oscar. Expectando a partir de suas conquistas e decepções, um célere olhar que nos dê acesso a uma mínima compreensão do cenário artístico paulistano, no qual se insere após retornar dos seus estudos em Paris. Estamos atentos ao que em sua trajetória o distingue e o aproxima dos colegas de ofício.

Tentamos avaliar as possíveis qualidades similares e distintivas, bem como, as razões para possíveis reclamações que envolvam o processo de produção, circulação e principalmente o reconhecimento esperado por parte dos artistas.

² MONTEIRO, Michelli Cristine Scapol. **Fundação de São Paulo, de Oscar Pereira da Silva: trajetórias de uma imagem urbana**. 2012. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 30-31.

³ LIMA JUNIOR, Carlos. **Um artista às margens do Ipiranga: Oscar Pereira da Silva, o Museu Paulista e a reelaboração do passado nacional**. 2015. Dissertação em Culturas e Identidades Brasileiras (Mestrado)- Instituto de Estudos Brasileiros- IEB-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 219.

⁴ Ibidem, p. 233.

Mais do que um artista, o caráter estratégico

Nos momentos iniciais de sua formação, o pintor fluminense Oscar Pereira da Silva, sinalizava seu afeto e seriedade, pelo que viria a ser seu ofício por toda a vida, falecendo inclusive no seu ateliê, no ano de 1939, como nos faz saber Silva,

[...] Oscar produzira muito em vida, era capaz de pintar vários gêneros da pintura. Era muito estudioso e, não é à toa que o espaço de ateliê deveria ser um local importante em sua vida. No ano de 1939, Oscar vem a falecer nada mais, nada menos que em seu próprio ateliê, como relata F. Acquarone (s.d., p.192) em sua obra intitulada *Mestres da Pintura no Brasil*: “[...] na manhã de 17 de janeiro de 1939, ao descerrar a janela do seu atelier, foi surpreendido por um ataque de angina-pectoris que o vitimou, quando se preparava para um longo dia de trabalho”.⁵

Essas qualidades podem ser verificadas em sua produção e radicalidade, com a qual construiu sua carreira, demonstrando não somente aptidão, assim como também, um artista capaz de criar estratégias e consolidar os seus caminhos. É possível observar a importância de suas atitudes, quando consideramos o ambiente hostil que os artistas experimentam, tanto em seus processos formativos, como também para comercializar seus trabalhos. Embora algumas já tenham sido estudadas, há muito ainda por apreciar e pesquisar.

Nascimento⁶, no segundo momento de sua tese, dividida em duas partes, constrói um arco cronológico, que nos permite visualizar o processo de maturação dos espaços expositivos, as circulações de artistas, a formação das cenas artístico-culturais de São Paulo e do Rio de Janeiro, os agentes e como essa atmosfera vai organizando e apreendendo suas próprias repercussões. Possibilitando acessar um panorama minucioso do processo de amadurecimento da cena artística, e o que nos interessa assinalar, entre as datas de 1896 até 1939, a autora, nos faz saber que Oscar se manteve produzindo, lecionando e expondo.

O convite do então diretor do Museu Paulista, Affonso Taunay, nesse momento de sua carreira, soa-lhe como uma oportunidade de elevação de sua carreira. Os artistas não podiam se furtar a essa espécie de malícia, havendo um bom número deles que articulavam suas circulações e sociabilidades, conhecendo o comportamento dos mercados de arte e criando até mesmo novas oportunidades. Sem

⁵ SILVA, Paula Nathaiane de Jesus da. Cenas de ateliê pintadas através dos pincéis de Oscar Pereira da Silva. *MOSAICO (GOIÂNIA)*, v. 12, 2019, p. 336. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7113>. Acesso em 21/06/2022.

⁶ NASCIMENTO, Ana Paula. *Espaços e a representação de uma nova cidade: São Paulo (1895-1929)*. 2v. 2009. Tese (Doutorado)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

uma boa inserção no cenário artístico, os requisitos formativos, ou um bom círculo de sociabilidade, a vida dos artistas se tornava muito mais complicada, senão impossível.

O ambiente possuía uma especificidade que colocava os artistas, ou uma parcela deles num constante desafio, além do tempo dedicado aos seus trabalhos, precisavam ir aos jornais, organizar exposições e demais ações que se faziam imprescindíveis, para um mínimo sucesso. Alves⁷, observa os trânsitos de Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello (1854-1916), Antônio Diogo da Silva Parreiras (1860-1937) e Virgílio Maurício da Rocha (1892-1937), assim como de modo mais breve outros artistas importantes, incluindo Oscar.

A autora constrói um complexo de imagens que nos faculta o tráfego na circulação dos artistas, suas obras, e as opções de comércio que os artistas dispunham. O que lhes rendia um perfil de artista com essa ou aquela particularidade. Os que se dedicam à docência, se desdobram para também produzir seus trabalhos, e os que se colocavam em constante trânsito, investindo em novos mercados. Não é um perfil estanque, principalmente considerando os diferentes momentos que esses artistas podiam experimentar naquele período.

Alves, enfatiza as relações dos artistas com os meios de comunicação da época, como se estruturava o processo de reconhecimento de um determinado artista pelos pares e o senso de proteção de seus nomes. Estamos diante do processo de formação de coleções, disseminação de determinadas imagens e um mercado de arte com mecanismos muito particulares à realidade brasileira. Mapeando os trânsitos de Parreiras, num gesto que permite um vislumbre dos tracejados e fluxos dos mercados de arte, Alves esquematiza,

Parreiras, por sua vez [...] nos proporcionou identificar roteiros de norte a sul do país, revelando os centros regionais dos mundos da arte no Brasil, capitais de estados marcadas por distintos contextos de riqueza, além de polos artísticos tradicionais como o Rio de Janeiro, Recife e Salvador, incorporando São Paulo, centro da riqueza do café na virada do século; Porto Alegre, centro da indústria da carne; e Belém, centro da riqueza da borracha. Acompanhando as encomendas artísticas decorrentes de seu trânsito em viagens pelo país, percebemos também, o papel da pintura na construção de um imaginário regional de sentido político decorrente da ordem do federalismo instaurada pelo regime republicano instituído a partir de 1889 e, especialmente, depois da Constituição de 1891. **Nesse caso⁸, a associação dos artistas com as elites políticas regionais foi o viés para a promoção de sua criação artística e especialmente de sua visibilidade.⁹**

⁷ ALVES, M. de B. *Quando os artistas saem em viagem: Trânsito de pintores e pinturas no Brasil na virada do século XIX para o XX*. 2019. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

⁸ Grifo nosso.

⁹ Ibidem, p. 258-259.

Dentro dessa rede de relações institucionais legitimadoras dos artistas, imaginamos que o mapeamento de passagens da carreira de Oscar Pereira - como o fato de que ele se tornou membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), poderá ajudar a compreender a atuação deste artista. O processo de admissão compreendia alguns certames, dentre eles, era preciso um feito que contribuísse para o progresso e manutenção de ideais políticos nacionais, ligados a essa comunidade de artistas, políticos e intelectuais, os quais compunham o IHGSP.

Uma das razões para Oscar se interessar pela instituição pode ser compreendida na influência que ela representava no cenário paulistano. Um breve passeio pelo arco cronológico elaborado por Nascimento, torna fácil a percepção do círculo de relações do artista e suas estratégias em ocupar espaços exponenciais, angariando ampliações para ganhar projeção e reconhecimento.

Ainda no que se refere ao convite para as decorações do Museu Paulista, a ciência de sua idade é pertinente. Lima Junior nos informa que “Quando da realização das pinturas para o Museu Paulista, o artista estava, naquela altura, próximo dos 60 anos, com uma carreira já consolidada no meio artístico paulistano, conquistada depois de sua chegada, em 1896.”¹⁰

Ao contrário de Almeida Júnior, um artista que antecedeu Oscar, que, como nos faz saber Nascimento¹¹, não participou do concurso do Prêmio da Viagem, quando era aluno da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), patrocinado depois por D. Pedro I, seguindo finalmente em viagem. E não fez questão de ser professor na instituição.

Oscar Pereira da Silva quando em formação, dadas as disputas na instituição, somadas às tensões políticas, tem seu Prêmio da Viagem contestado e anulado. Felizmente ao recorrer tem seu direito resguardado, indo à Europa. Ao solicitar a sua permanência por mais um tempo, lhe é negado. Não podendo nem mesmo se imaginar ocupando a cadeira de professor. À época, Belmiro de Almeida ocupava o posto de professor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), e Rodolpho Bernardelli o de diretor. É inevitável fabular os rumos que a carreira de Oscar tomaria, caso essa inviabilidade não se fizesse presente em seu caminho.

Oscar e Almeida Júnior comungam na decisão de se estabelecerem em São Paulo, experimentando cada um ao seu tempo a Paulicéia. Ambos também partilham um senso de estratégia para fazer circular suas obras.

¹⁰ Ibidem, p. 89.

¹¹ Ibidem, p. 99.

Desembarque de Oscar Pereira da Silva na Paulicéia

Se os desafetos que envolvem Oscar, Belmiro de Almeida e Rodolpho Bernardelli, para citar os nomes centrais do conflito em torno do Prêmio da Viagem, não são suficientes para justificar a decisão do artista, ao retornar de um longo período de estudos em Paris, se dirigindo para São Paulo, talvez outras razões, ademais, tenham embasado sua decisão.

A exemplo dos contatos mais atrativos com a elite paulistana, que lhe poderiam render vendas e reconhecimento. A cena artística paulistana vivenciava um florescimento sincrônico com a economia cafeeira, a elite paulistana ansiava evidenciar sua sofisticação e apreço às artes, como aspecto distintivo de refinamento e elegância, ao passo das elites e cena europeia. Haveria conflitos de ordem mais sutis envolvendo os circuitos de sociabilidades dos artistas, que sequer chegou à ciência do grande público?

Ao que é possível observar a partir do olhar de Helena, filha do artista e também pintora, em sua autobiografia, na qual ela nos conta logo nas primeiras páginas a respeito do rigor de seu pai, não apenas no que concerne a produção de suas pinturas, como também no seu exercício de figura paterna, “[...] recebíamos, poucas visitas: meus pais eram muito retraídos. A família do lado paterno habitava o Rio e a do lado materno, a França. Fui filha única durante muitos anos. No casarão que habitávamos à Rua Augusta, 159, a vida não era divertida. [...]”¹². O que nos leva a supor que não era do temperamento do seu pai, se expor a situações de conflito. O seu desejo por certo era simplesmente continuar os seus estudos, atestamos isso quando ele persegue consecutivamente a concessão de sua bolsa.

Para além desses incidentes, que podem ter realizado uma somatização de pressões, resultando em sua decisão em rumar para a Paulicéia, o cenário paulistano foi mais permissivo com a consolidação de sua carreira, como suposto. Ele se estabelece em São Paulo, então professor do Liceu de Artes e Ofícios, nos levando em direção a outra figura importante para o cenário paulista, isto é, a figura do arquiteto Ramos de Azevedo, que conforme Nascimento,

A figura do engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo é peça-chave nessa nova configuração de cidade aqui abordada, pois alia prática profissional, contatos com os principais agentes políticos e econômicos, uma ampla e variada gama de auxiliares aptos às mais diversas tarefas e participação em diversos níveis no processo construtivo, além das atividades docentes e administrativas em duas novas instituições criadas para formar mão-de-obra capacitada para a construção dessa nova cidade, a Escola Politécnica e o Liceu de Artes e Ofícios.¹³

¹² OHASHI, Helena Pereira da Silva. **Minha vida: Brasil-Paris-Japão**, São Paulo: [s.n.], 1965. Disponível em: <https://www.abrademi.com/index.php/helena-pereira-da-silva-ohashi/>. Acesso em 24 de julho de 2022.

¹³ Ibidem, p. 30.

Acrescentamos mais uma consideração de Nascimento, sobre o arquiteto,

Ramos de Azevedo pode ser visto, se não como o mais importante arquiteto da cidade, ao menos como seu maior construtor durante da Primeira República. Amigo e parente de líderes políticos e de empresários, participante da elite daquela época, ele conquistou imenso prestígio em vida, sendo esquecido posteriormente por longo período. Muitas de suas qualidades são evidentes: a capacidade de gerenciamento e administração, o forte tino comercial, a cuidadosa seleção dos colaboradores, a preocupação com atividades beneméritas e o apoio aos artistas, em especial os escultores.¹⁴

A relação de proximidade do artista com o arquiteto, nos revela a dimensão do apoio que Oscar recebeu, os contatos banhados a ouro que possuía, as instituições às quais transitava. É imprescindível tocar na figura do arquiteto, porque sua presença nos ajuda a assimilar as cadeias de relações que amalgamaram a cultura artística acontecendo na região cafeeira.

A presença de Ramos de Azevedo na carreira de Oscar, no que podemos observar, se revela de inestimável importância, “O engenheiro Ramos de Azevedo (1851 – 1928)²⁴⁰ e o senador Freitas Valle (1870 – 1928) são alguns dos exemplos de colecionadores que investiam suas expectativas de retorno artístico e financeiro em artistas no cânon acadêmico.^{241”}¹⁵

O capital social que Oscar cativa para si, parece lhe resguardar de maiores preocupações financeiras, sendo oportuno lembrar que era o querido da Princesa Isabel!

Ao observar suas produções, percebemos que as de maior expressão, em termos de circulação e estudos que outros pesquisadores se incumbiram, todas foram pintadas, no que nos permitimos chamar de seu projeto primevo, de se estabelecer como um pintor de gênero histórico reconhecido.

Apesar dessas considerações afirmativas, ao que parece, o artista era desgostoso com o cenário artístico em São Paulo, Helena nos fornece importantes informações, “[...] Depois da viagem que “seu” Oscar fez a Belém do Pará em 1910, seus sonhos iam se realizar, ir à França. A maior tristeza, que êle se queixava sempre era o meio mesquinho e refratário à arte, em que vivia em São Paulo.^{16”}

Nos momentos que toca sobre os sentimentos do pai no seu livro, a filha de Oscar revela uma constante inconformidade do pintor com sua própria presença no Brasil. Teria Oscar, após todas as suas conquistas, com aproximados 43 de anos, esgotado o cenário artístico paulistano, ou sua angústia se situa em um lugar-comum, compartilhado por outros artistas?

¹⁴ Ibidem, p. 45.

¹⁵ Ibidem, p. 90.

¹⁶ Ibidem, n. p.

Inicialmente ao que tudo indica, o artista se estabelece contente e angariando suas produções, como argumenta Formico,

Oscar Pereira da Silva durante sua trajetória artística de pintor amadurecido em sua arte, reveste o cenário cultural paulistano com diversas exposições individuais. O pintor fluminense se sentiu bem acolhido pelo ambiente paulista, prova disso, é que já em 1897, uma nota na coluna “Artes e Artistas” do Estado de São Paulo, a qual alude o fato de que Oscar Pereira da Silva já tem executado desde os dois anos que se estabeleceu na cidade uma diversa gama de trabalhos de cunho decorativo, como por exemplo, o teto do Salão principal do novo edifício da Escola Politécnica.¹⁷

Cavalcanti, discute as sentimentalidades desses artistas, revisita o conceito de Mazombismo, [...] Parece que uma parte considerável dos artistas brasileiros dessa época sofriam do “mazombismo” que atacava os intelectuais brasileiros do final dos Oitocentos. Mazombo era aquele sujeito que, nascido no Brasil, sofria de nostalgia por não ser europeu [...] ¹⁸.

Ela explicita que as causas de tantas dificuldades e desgostos por parte dos artistas, podem ser explicadas pela: a ausência de colecionadores de arte, o desinteresse da população e a atmosfera herdada de um país colonizado.

Trazendo ao longo do artigo documentações primárias, que informam falas de artistas e pessoas envolvidas no mundo das artes, um suposto atraso referente às letras e as artes brasileiras, desabafando as dificuldades e desamor do povo brasileiro pelas produções de seus artistas, o que colocava os artistas em situações desconfortáveis e frustrantes, como ela faz reverberar nas vozes que apresenta no corpo do seu texto.

Oscar, apesar de seus contatos, parece ver a atmosfera comercial pôr a termo a possibilidade de sobreviver estritamente de sua produção, o reconhecimento de seu nome em proporções monumentais, ou um deslocamento mais frequente a Europa, quiçá, a permanência nas terras do velho mundo que não lhe pareciam estranhas a sensibilidade. Ainda em conformidade à situação crítica dos artistas abordada, e algumas datas que se referem a Oscar, Nascimento disserta,

Muitos pintores tinham como principal forma de sustento a produção de retratos, grande parte dos quais era feita a partir de fotografias. Nesse grupo incluem-se o próprio Almeida Júnior, Oscar Pereira da Silva e Benedito Calixto. Oscar Pereira da Silva executou também muitas cópias de pinturas de mestres europeus para o governo do estado de São Paulo, telas que eram sempre expostas antes da entrega

¹⁷ FORMICO, Marcela Regina. **A “Escrava Romana” de Oscar Pereira da Silva**: sobre a circulação e transformação de modelos europeus na arte acadêmica do século XIX no Brasil. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes- IA-UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

¹⁸ Ibidem, p. 55.

(Tarasantchi, 2006: 45)⁴⁰ e recebeu, como outros colegas do período, encomendas para decorar palacetes, como a Vila Penteado;⁴¹ igrejas, como as de Santa Cecília (pinturas em duas das capelas laterais e sua cúpula) e Nossa Senhora da Consolação (tríptico mais um painel e ainda uma Santa Ceia); a Escola Politécnica (pintura atualmente destruída), além do teto foyer do Teatro Municipal, com três painéis cujos temas representam as artes (Tarasantchi, 2006: 59). [...]¹⁹

Quando se dedicou à pintura do teto do salão principal da Escola Politécnica de São Paulo em 1897²⁰, o artista tinha cerca de 30 anos, mais ou menos um ano após retornar de seus estudos na Europa, e na igreja de Santa Cecília em 1913²¹, estava com seus 46 anos, um artista despontando uma maturidade no seu ofício. Decerto, há um ambiente social que minou a vivacidade até mesmo de Oscar, que não mediu dedos e pulsos para se colocar em desafio.

Pensamos que, apesar dos percalços enfrentados pelos artistas, possuímos uma história da arte própria, rica, que merece atenção investigativa, por parte de pesquisadores comprometidos, sem perder de vista a crítica cabível, e muito menos o elogio merecido a artistas como Oscar Pereira da Silva. Possuímos uma herança europeia, que também deve ser cuidada, influenciando como podemos observar, a formação e consciência coletiva desses artistas.

Em futuros estudos, ansiamos compreender como a produção de Oscar é influenciada pelo Realismo Francês, dando atenção às heranças culturais que o artista foi embebido nos seus processos de formação, sendo seu sul a Europa, bem como algumas questões que tocam as imbricações do modernismo interno e externo ao Brasil.

Conclusão

Oscar dedicou toda a sua vida a pintura, incontáveis exposições que participou, circulando suas produções, sempre pensando em como ampliar seu alcance, se fazer ver, ser conhecido, transitando sempre que possível, o que envolvia seu interesse de visitar exposições na Europa, se informar sobre acontecimentos referentes ao seu universo, um artista atento. Helena nos poupa esforços, para demonstrar a aplicação de seu pai ao que amava fazer, o que toda a sua trajetória também endossa: “[...] meus pais falavam em ir para a França, sonho permanente de meu pai; seu Oscar, que vivia na arte dêle,

¹⁹ Ibidem, p. 104.

²⁰ Ibidem, p. 371.

²¹ Ibidem, p. 404.

sacrificado em São Paulo. Meus desenhos não o satisfaziam; no piano, eu batucava de ouvido valsas, polcas. [...]”²².

A Europa, que tanto lhe comovia os pincéis, embasa toda a sua formação e referenciais, tornando compreensível não só para onde seu olhar se volta, como os dos seus antecessores, contemporâneos e sucessores. Considerando a base cultural que responde aos valores e hábitos, cultivados e preservados por essa camada de artistas. A angústia de não encontrar um cenário artístico, com um temperamento similar a Europa que experimentaram, os faziam se debater em meio a hostilidade que o Brasil os oferecia. Tendo em vista os períodos históricos que até aquele momento se desenrolaram, tomamos consciência da realidade que os maltratava.

Após revisitar alguns acontecimentos e aspectos de sua trajetória, nos perguntamos se Oscar Pereira da Silva deveria ter sido mais reconhecido, e as razões que inviabilizaram uma recepção à altura do seu grande referencial, Pedro Américo. Mesmo quando ele é convidado, imbuído de encomendas por Taunay, para figurar no Museu Paulista, realiza uma espécie de cobertura dos artistas ausentes, vai assim galgando pinturas, não sendo o preferido como Rodolpho Bernardelli e Amoedo. Oscar possuía uma formação memorável, premiações, uma trajetória considerável, e mesmo aos 60 anos, ainda não tinha o reconhecimento e respeito que ele realmente merecia.

Não sabemos se Oscar faleceu frustrado, o que estamos conscientes é que veio a óbito começando mais um dia de trabalho, jamais interrompendo suas produções por qualquer quebra de expectativa, o que talvez revele seu amor à pintura para além do estrelato que sempre quis alcançar, e em alguma medida alcançou.

Referências bibliográficas

ALVES, M. de B. **Quando os artistas saem em viagem: Trânsito de pintores e pinturas no Brasil na virada do século XIX para o XX**. 2019. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. **Artistas brasileiros entre territórios: a relação com a Europa e o sentimento de exílio na própria pátria no século XIX**. Anais do XIX Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Entre territórios. Cachoeira (Bahia): ANPAP, p. 49-59, 2010.

FORMICO, Marcela Regina. **A “Escrava Romana” de Oscar Pereira da Silva: sobre a circulação e transformação de modelos europeus na arte acadêmica do século XIX no Brasil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)- Instituto de Artes- IA-UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

²² Ibidem, n.p.

LIMA JUNIOR, Carlos. **Um artista às margens do Ipiranga: Oscar Pereira da Silva, o Museu Paulista e a reelaboração do passado nacional**. 2015. Dissertação em Culturas e Identidades Brasileiras (Mestrado)- Instituto de Estudos Brasileiros- IEB-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MONTEIRO, Michelli Cristine Scapol. **Fundação de São Paulo, de Oscar Pereira da Silva: trajetórias de uma imagem urbana**. 2012. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Ana Paula. **Espaços e a representação de uma nova cidade: São Paulo (1895-1929)**. 1v. 2009. Tese (Doutorado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NASCIMENTO, Ana Paula. **Espaços e a representação de uma nova cidade: São Paulo (1895-1929)**. 2v. 2009. Tese (Doutorado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OHASHI, Helena Pereira da Silva. **Minha vida: Brasil-Paris-Japão**, São Paulo, 1965. Disponível em: <https://www.abrademi.com/index.php/helena-pereira-da-silva-ohashi/>. Acesso em 24 de julho de 2022.

SILVA, Paula Nathaiane de Jesus da. Cenas de ateliê pintadas através dos pincéis de Oscar Pereira da Silva. **MOSAICO (GOIÂNIA)**, v. 12, p. 328-336, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7113>. Acesso em 21 agosto de 2022.

Referências bibliográficas complementares

COLI, Jorge. **Reflexões sobre a idéia de semelhança, de artista e de autor nas artes: Exemplos do século XIX**. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (org.). Oitocentos – Arte Brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ/ DezenoveVinte, 2008. p. 19-25.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. **O impacto da Academia de Belas Artes da Bahia na arte Oitocentista**. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (org.). Oitocentos – Arte Brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ/ DezenoveVinte, 2008. p. 342-360.

MIGLIACCIO, Luciano. **Perspectivas no estudo da cultura visual brasileira do século XIX**. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (org.). Oitocentos – Arte Brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ/ DezenoveVinte, 2008. p. 315-326.

Mirian Nogueira Seraphim, **1890- O primeiro ano da República agita o meio artístico brasileiro e marca a carreira de Eliseu Visconti**. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (org.). Oitocentos – Arte Brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ/ DezenoveVinte, 2008. p. 257-272.

PEREIRA, Sônia Gomes. **A tradição artística e os envios dos pensionistas da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro**. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (org.). Oitocentos – Arte Brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ/ DezenoveVinte, 2010. p. 617-638.

VALLE, Arthur. **A Pintura da Escola Nacional de Belas Artes na 1ª República (1890-1930): Da Formação do Artista aos seus Modos Estilísticos**. 2007. Tese (Doutorado em História da Arte)- Programa de Pós-graduação em Artes Visuais- PPGAV/UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.